

Fotografia Como Ferramenta Didática No Ensino De História Em Zonas Fronteiriça.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17905743>

Aristides Samuel Machavane (Mestrando na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), pelo programa de Sociedade, Cultura e Fronteiras)¹

E-mail: areitidesmachavane@gmail.com

Luciana Vedovato (Professora efetiva do colegiado de Letras e do programa pós-graduação em sociedade, cultura e Fronteira da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -Unioeste/Foz do Iguaçu)²

E-mail: luciana.vedovato@unioeste.br

Resumo: A fotografia pode ser compreendida como linguagem artística e documental que contribui para a construção de memória e identidade em zonas fronteiriças, como no caso de Foz do Iguaçu. Nesse contexto, as análises voltadas para imagens (ruínas jesuíticas, espaços religiosos) funcionam como formas de representação histórica e cultural, dialogando com a proposta do simpósio “manifestações artísticas e suas representações na História”. Assim, a inserção da história local nos planos de aula, acompanhada do uso de imagens na disciplina de História, mostra-se necessária para uma aprendizagem significativa, que favoreça a reconstituição e valorização das culturas indígenas e originárias frequentemente marginalizadas, bem como resgata memórias coletivas. Não obstante, constitui uma ferramenta pedagógica essencial para o professor de História, pois possibilita a construção de pontes entre memória, identidade e cultura. Nesse processo, a fotografia deixa de ser apenas registro e se transforma em instrumento de reconstituição histórica, de afirmação identitária e de resistência cultural, reforçando o papel do ensino de História como espaço de construção de consciência crítica e resistência. E é dentro desse emaranhado reflexivo que surge esse trabalho intitulado Fotografia como Ferramenta Didática no Ensino de História em zonas Fronteiriças.

Palavras-chave: Fotografia; Ensino de História; Identidade; Fronteiras.

Abstract:

Photography can be understood as both an artistic and documentary language that contributes to the construction of memory and identity in border zones, such as Foz do Iguaçu. In this context, analyses focused on images (Jesuit ruins, religious spaces, etc.) function as forms of historical and cultural representation, aligning with the symposium's theme, “Artistic Manifestations and Their Representations in History.” Thus, the inclusion of local history in lesson plans, combined with the use of images in History classes, proves essential for meaningful learning that promotes the reconstruction and appreciation of Indigenous and native cultures—often marginalized—while also recovering collective memories. Moreover, it constitutes an essential pedagogical tool for History teachers, as it enables the construction of bridges between memory, identity, and culture. In this process, photography ceases to be merely a record and becomes an instrument of historical reconstruction, identity affirmation, and cultural resistance,

¹ Graduado em Ensino de História com habilitações em ensino de filosofia pela Universidade Save-Maxixe. Mestrando na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), pelo programa de Sociedade, Cultura e Fronteiras, e bolsista da CAPES.

E-mail: areitidesmachavane@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3081480171709098>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-0234-461>

² Doutora pela Universidade do Rio Grande do Sul, no programa de pós-graduação em Letras -Estudos do Texto e do Discurso, professora efetiva do colegiado de Letras e do programa pós-graduação em sociedade, cultura e Fronteira da Universidade Estadual do Oeste do Paraná -Unioeste/Foz do Iguaçu.

E-mail: luciana.vedovato@unioeste.br

<https://orcid.org/0000-0001-7303-4904>

reinforcing the role of History teaching as a space for the development of critical consciousness and resistance. It is within this reflective framework that the present work emerges, entitled Photography as a Didactic Tool in the Teaching of History in Border Zones.

Keywords: Photography; History Teaching; Identity; Borders.

Introdução

Rios (2014, p. 4), sustenta que o indivíduo isolado não forma lembranças, ou pelo menos não é capaz de sustentá-las por muito tempo, pois necessita do apoio dos testemunhos de outros para alimentá-las e formatá-las. Partindo do posicionamento de Rios, consideramos que o ensino de História, sobretudo em contextos fronteiriços, exige práticas pedagógicas que articulem memória, identidade e cultura de forma sensível às realidades locais. Assim fazendo-se valer a ideia de Tognoli, (2009, p. 127), segunda a qual, ao ter lembranças, mesmo particulares, elas não o são realmente particulares, visto que toda lembrança remete-nos a um contexto de interação com o além de mim, (política da época, costumes sociais, grupo que pertencemos), de forma que nunca será individual.

Assim sendo, em regiões como Foz do Iguaçu³, marcada pela convivência entre diferentes povos e pela presença do território indígena guarani, o desafio educativo vai além da simples transmissão de conteúdos: trata-se de reconhecer a diversidade e promover a valorização das identidades frequentemente marginalizadas, dessa forma construir a partir do ato de educar novas identidades. Na visão de Erikson (1972, apud Schoen et al., 2003), construir uma identidade, implica em definir quem a pessoa é, quais são seus valores e quais as direções que deseja seguir pela vida. Ademais, ciente de que o ato de educar implica a existência do eu e do para além de mim, que é o meu ente, lúcido estamos ao corroborar com a visão Tognoli, (2009, P. 133), na qual considera que na memória que vamos criando há registros do presente e do passado que o ajudam a formar sua identidade, de acordo com a sociedade em que vivemos, pois a memória e identidade se entrelaçam, em suas expectativas empíricas ou científicas.

Vale ressaltar que, ao mencionarmos o território indígena guarani, estamos nos referindo ao conceito apresentado por Haesbaert (2004 apud Fuini, 2017,p.24), em sua perspectiva

³ Foz do Iguaçu é uma cidade que está situada no extremo oeste do Paraná, na chamada Tríplice Fronteira, onde o Brasil faz divisa direta com Argentina (Puerto Iguazú) e Paraguai (Ciudad del Este), essa é uma das regiões de fronteira mais dinâmicas da América do Sul. No entanto, antes da chegada de cabeça de vaca os indígenas Guarani já habitavam a região pertencentes à etnia Kaingang. Esses povos eram numerosos e viviam na floresta que hoje conhecemos como o Parque Nacional do Iguaçu (Combo Iguaçu, 2024, 1:48).

filosófica ampla, o autor entende território tanto como um “espaço vivido” quanto como “um sistema percebido no qual o sujeito se sente em casa”. Por sua vez, esse fato justifica o motivo da constante migração ser algo característico dos Guarani, pois o que é concebido como fronteiras nacionais, não coaduna com a visão deles sobre fronteiras, ademais:

Os Guarani trabalham com noções e conceitos próprios de fronteira, uma ideia mais sociológica e ideológica, que inclui e exclui, definindo quem pertence e quem não pertence a determinada coletividade, estabelecendo os limites a partir dos quais eles não se sentem ‘a gosto’. (Melià, 2007, *apud* Colman; Azevedo, 2016, p. 3).

Nesse sentido, iniciamos nossa reflexão a partir do entendimento de que o processo de ensino e aprendizagem dá-se de variadas formas, e em duas perspectivas ou contexto: primeiro contexto seria em instituições informais e o segundo contexto seria em instituições formais, vale destacar que:

Por educação formal entende-se o tipo de educação organizada com uma determinada sequência e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge ainda da educação formal no que respeita à não fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto (Afonso, 1989, p. 78, *apud* Fontana, 2013, p. 73).

Entretanto, nosso foco cinge-se no contexto formal, em que dentro desse contexto encontramos uma peça chave que é a figura do professor, esse agente formado cuja função não é só de transmissor de conteúdos, mas agente educativo e ativo enquanto mediador que considera o contexto e as necessidades dos seus alunos.

Dada à historicidade sobre a educação no Brasil e seu processo excludente com as populações marginalizadas (negras, indígenas, quilombolas e rurais), assim como demonstrado a partir das realidades através das violências físicas e psíquicas vivenciadas pela população negra no cenário brasileiro, buscaremos evidenciar aqui como a implementação do “Novo” Ensino Médio torna-se um processo reacionário a tudo aquilo que os Movimentos Negros no Brasil [...] conseguiram conquistar, tendo como materialização as Leis 10.639/03, 11.645/08 e 12.711/12. [...] Já nas escolas públicas, sobretudo as dos/as mais pobres, o NEM vai se revelando um ensino médio que nem fornece uma formação geral sólida, pois retira conteúdos e coloca pouco ou nada no lugar, e nem forma para o mundo do trabalho, pois oferece um arremedo de “qualificação profissional” muito aquém (em quantidade e qualidade) da Educação Profissional e Tecnológica ofertada nas escolas técnicas estaduais e no sistema federal,

cujo acesso continua restrito a poucos/as. [...] Ao analisarmos esse esvaziamento curricular, ou como a Lei chama de “flexibilização do currículo escolar”, percebemos um processo de apagamento e não-promoção das Leis 10.639/03 e 11.645/08, pois, como há mais disciplinas que refletem sobre dinâmicas mercantis, estimulando a meritocracia, o individualismo e o empreendedorismo como “Projeto de Vida” e “Mundo do Trabalho”, não há espaço para o Ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena, o que podemos ressaltar como uma forma de epistemicídio. (Santos e Alves, 2025, p. 22–25).

Assim sendo, a essa peça chave que é o professor, cabe a tarefa, durante o exercício das suas funções, adequar e flexibilizar⁴ o seu plano de aula, bem como as suas funções didáticas para que o processo de ensino e aprendizagem (PEA) seja desenvolvido com maior possibilidade de sucesso. Diante do sucateamento da educação, onde os professores lutam contra baixos salários e carga horária excessiva, vemo-nos forçados a pensar na figura do professor e suas funções, pois a inserção num contexto geográfico de triples fronteiras, onde Foz do Iguaçu (Brasil) faz fronteira com Paraguai e Argentinas, verifica-se crescente desvalorização do povo⁵ indígena guarani em detrimento dos demais descendentes dos asiáticos, europeus (principalmente italianos), e mais, não obstante, se junta ao leque de obstáculo para atividade docente a questão de militarização de escolas públicas.

A militarização de escolas públicas estaduais no Paraná até aqui se demonstra como um contrassenso ao próprio PNE. No município de Foz do Iguaçu, nota-se a necessidade de garantia do ensino noturno, mas o que a comunidade encontra é o seu fechamento. A seleção de escolas para o Programa CCM e para o ensino em tempo integral se demonstra como uma decisão vertical e estaria contribuindo para um dos eixos que configuram os programas como promotores da gentrificação escolar: a evasão de estudantes da escola pública. [...] Na nova organização, termos e cargos utilizados na

⁴ Vale clarificar que, quando propomos a flexibilização do plano de aula, independentemente do intervalo temporal em que a aula se desenvolva, e mesmo diante das desigualdades de acesso à infraestrutura tecnológica, tal flexibilização se concretiza por meio da mudança e adequação metodológica em resposta às necessidades dos alunos em determinado contexto, dito de outra forma, flexibilização do plano de aula seria o ato do professor se adaptar aos empecilhos que surgem inesperadamente na sala de aula, a título de exemplo repetir uma matéria que detectou que a mesma não foi assimilada pelos alunos.

⁵ No contexto da reflexão proposta, tomando a região da Tríplice Fronteira como campo de análise, utilizamos o termo “povo” para nos referirmos ao conjunto de pessoas que compartilha elementos socioculturais e históricos que permitem reconhecê-las como um coletivo, nesse sentido falamos dos indígenas Guarani. Atualmente, a cidade abriga cerca de 80 etnias, entre elas árabes, chineses, paraguaios, argentinos, japoneses e taiwaneses, entre muitas outras. A comunidade árabe começou a se estabelecer na região na década de 1930 e se consolidou nos anos 1950, tornando-se a segunda maior colônia árabe do Brasil e desempenhando papel central no comércio da Tríplice Fronteira. A comunidade asiática, cuja presença se intensificou a partir da década de 1990, constitui hoje o segundo maior grupo imigrante da cidade. Além disso, Foz do Iguaçu tem atraído um número significativo de latino-americanos, impulsionado especialmente pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), uma instituição internacional, que reforça a diversidade cultural da região, não obstante esse fator que impulsiona a migração Latino-Americana e não só, dificulta quantificar os estrangeiros que cá vem (Combo Iguaçu, 2024, 1:48)..

escola são estranhos ao vocabulário e à estrutura da gestão e do cotidiano escolares, tais como Comandante Disciplinar, monitores, chefe e subchefe de turma, que passam a fazer parte do glossário escolar por constituírem novas funções no interior da escola. [...] A implementação do modelo cívico-militar na rede estadual não só contribui para o processo de gentrificação, como também reforça a desigualdade no acesso à escola pública, ao não levar infraestrutura à periferia paranaense. Além disso, por onde passa faz poucas contribuições para a qualidade do ensino e para o acesso à educação básica, instalando-se majoritariamente em escolas já bem avaliadas pelo IDEB e localizadas em regiões com históricos baixos índices de vulnerabilidade social (Santos e Teixeira, 2025, p. 59–88).

Sem o intuito de absolutizar o saber, alicerçamo-nos na hipótese de que o não estudo dos laços históricos que unem esses países, hoje geograficamente delimitados e separados, mas que outrora foram territórios unificados, constitui o principal motivo da desvalorização do povo guarani em uma região aonde o ir e vir da massa populacional pela tríplice fronteira é característico.

Assim sendo, propomos pensar a fotografia como recurso didático, pois o registro loco-temporal pode estimular percepções e conceitos do que foi capturado, permitindo sua contextualização de diferentes perspectivas, oportunizando trabalhos como os de percepção ambiental com análise histórica críticas por parte dos alunos, pois como diz Gomes:

A fotografia é uma forma expressiva de imortalizar uma situação e seu espaço físico, inseridos em uma subjetividade do realismo virtual/digital; o que cabe perfeitamente no processo de ensino de cidadãos críticos, reflexivos, conscientes e engajados que a nossa sociedade necessita (Gomes, 1996, apud Santos et al., 2018, p. 4).

Mas é com o pensamento de Kossoy que iniciamos, na prática, este exercício interpretativo da imagem como ferramenta didática no ensino de História em zonas fronteiriças, propondo a análise da primeira imagem da seguinte maneira (Tradição e História em Ruínas), pois Kossoy afirma que:

Uma única imagem contém em si um inventário de informações acerca de um determinado momento passado, ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do contínuo da vida. Monumentos históricos, vestuários, poses e aparências dos personagens estão ali esperando interpretações (Kossoy, 2001, p.113).

Figura I: Tradição e História em Ruína.



Fonte: Acervo pessoal da colega Rosane Berté, tirada em 20 de julho de 2024.

De acordo com José (2016) , a análise da história local permite perceber as diferentes modulações que configuram as relações entre grupos, indivíduos e instituições, [...] Dito de outro modo, a história local manifesta a relação de complementaridade do conjunto de experiências sociais e relativiza a hierarquia historiográfica de caráter fatual, descritivo e conteudista que condiciona o local ao regional, e este, por sua vez, ao nacional.

A imagem mostra inicialmente uma atmosfera de completa paz, entretanto a sombra na entrada da capela remete a ideia dos mistérios, memória e tradição cravadas nessas rochas, evocando uma sensação de passado e espiritualidade que perdura através do tempo, apesar do desgaste visível da edificação.

Visivelmente estamos diante da entrada de uma igreja em ruínas, caracterizada pelo aparecimento de plantas trepadeiras, o que revela desvalorização do local histórico. A estrutura é feita de pedras robustas que estão envelhecidas, com uma cruz simples no topo, indicando o caráter religioso do edifício, ademais estrutura feita de pedras locais, o que indica o uso de recursos naturais disponíveis na região para a construção.

À frente da capela, há muita relva verde bem cuidado, em contraste com a aparência envelhecida da construção. No lado direito da capela, uma estrutura de andaimes indica que há, ou houve

recentemente, algum tipo de restauração, o que sugere uma preocupação com a preservação desse patrimônio histórico jesuítico.

No tangente a geografia, Santa Maria La Mayor estava localizada na região que hoje pertence à província de Misiones, na Argentina. As ruínas de Santa Maria La Mayor estão situadas a cerca de 125 km ao norte de Posadas, capital da província de Misiones, perto do rio Uruguai.

Olhando para características do solo me parece ser um solo argiloso, pela coloração avermelhada, (como a elevação, fertilidade ou proximidade com recursos hídricos). Não menos importante, esse tipo de solo é comum em áreas do sul do Brasil, Paraguai e Argentina, onde as missões jesuíticas estavam frequentemente localizadas.

Pensando como professor de História e de área de linguagem que somos, a primeira imagem poderia ser utilizada como material didático para discutir temas como a preservação de patrimônio histórico, a religiosidade da massa popular, ou mesmo como um ponto de partida para reflexões sobre a influência da arquitetura colonial jesuítica nos países que constituem a tríplice fronteira, os elementos visuais patentes na fotografia como documento histórico com questões hodiernas, estariam promovendo um ensino interdisciplinar que engloba história, geografia, cultura e sociologia.

Segundo Da Silva (2013), o estudo de História Regional e Local nem sempre teve importância no mundo acadêmico, apenas a partir do final da década de 1980, surgem trabalhos mais sistematizados relacionados ao tema. Isso só foi possível graças a uma nova concepção historiográfica que surgiu na França em 1929, denominada de Nova História. A partir desta nova abordagem historiográfica, passou a existir uma diversificação no conceito de fonte histórica, bem como, uma dinamização no objeto de estudo do pesquisador.

Assim sendo, em comunhão com o pensamento de Da Silva (2013), é coerente afirmar que cabe ao professor no exercício de suas funções e dentro das suas limitações dinamizar o seu plano de aula de modo a criar uma aula que promova a revalorização do povo Guarani, integrando elementos visuais e históricos para explorar a rica herança cultural desse grupo indígena, sem intenções de desvalorizar nenhum outro grupo étnico.

Figura II: Entre a Fé e a Imagem: Momentos de Reflexão na Capela



Fonte: Acervo pessoal da colega Rosane Berté, tirada em 20 de julho de 2024.

Maurício Lissovsky ao sistematizar a reflexão sobre objeto e espaço, muito contribui para o avanço metodológico da utilização da imagem como fonte histórica.

O sujeito, quando olha a fotografia, estabelece uma ponte entre aquele momento e o espaço que está na imagem e o momento que ele está vivendo. Como a distribuição dos objetos no espaço não é gratuita, tudo se posiciona no espaço, devendo ser levadas em consideração as relações entre os objetos (Lissovsky, apud Albuquerque e Klein, 1987, p. 3).

Assim sendo, na segunda imagem temos a representação do interior de uma capela ou de uma estrutura religiosa rústica, pessoas observando um altar simples. O altar possui uma imagem religiosa, provavelmente de Nossa Senhora. A estrutura do telhado é exposta, revelando vigas de madeira e uma cobertura metálica (chapa de zinco). O ambiente é simples e desgastado, com sinais claros de deterioração da infraestrutura, entretanto associando a imagem I com II pode-se crer que os andaimes foram usados nalgum momento para fazer a cobertura da capela que terá sido reabilitada no decurso de longos anos que acompanhas a existência da capela visitada.

Observa-se um altar simples, com pequenos vasos de flores, demonstrando que, apesar da simplicidade e desgaste do local, ainda existe uma intenção de manter um certo nível de devoção e cuidado sugerindo desta feita que ainda se realizam ou ainda pode ser usada para orações ou pequenos momentos de devoção, mesmo em seu estado atual de degradação.

Além disso, poderia ser explorada como um exemplo da resiliência cultural em regiões de fronteira, bem como preservação de tradições religiosas em áreas rurais onde diferentes povos e influências culturais coexistem e adaptam suas práticas e espaços sagrados apesar do ir e vir constante na tríplice fronteira, sem deixar de lado a possibilidade discutir o impacto das missões religiosas, principalmente as Missões Jesuíticas, que influenciaram profundamente a cultura guarani na região.

O nosso posicionamento vai se sustentar na ideia de Azevedo e Serra (2023), ao enfatizarem que presença jesuítica desempenhou papel fundamental na formação de uma cultura híbrida na região guarani, resultado da intensa absorção mútua de costumes e tradições entre missionários e populações nativas. Os autores destacam que as fronteiras contemporâneas da tríplice fronteira carregam as contrapartidas culturais desta matriz sociocultural histórica comum, evidenciando que as Missões Jesuíticas impactaram diretamente na constituição de uma cultura mesclada e profundamente marcada pela interação entre europeus e guarani.

As missões jesuíticas desempenharam um papel estratégico na colonização, impulsionando o desenvolvimento econômico em diversas regiões através da formação de vilas e da promulgação da agricultura e pecuária. Este projeto de colonização promoveu uma miscigenação cultural significativa, buscando amalgamar a tradição espanhola aos costumes indígenas, criando assim um aparente "ambiente de harmonia entre os povos. (De Azevedo e Serra, 2023, p.5)

Assim sendo, Santos, Miranda e Gonzaga, (2018), vão olhar a fotografia, além de trabalhada como registro loco-tempo-ambiental de um cenário específico, pode ser utilizada para contar uma história através de uma sequência de imagens, como na fotonovela. Uma fotonovela consiste em uma história sequenciada narrada através de texto e imagem fotográfica, semelhante (porém não na mesma classe) às histórias em quadrinho.

A contribuição imagética é importante para se perceber mudanças no tempo histórico, e assim dar base às análises de fenômenos ocorridos neste espaço, pautados na sensibilidade da percepção e conscientização da sociedade para discussões socioambientais [...] Trabalhar essa modalidade de recurso didático, ou com esse tipo de

linguagem textual/gênero artístico-literário, com os alunos, independente do conteúdo a ser desenvolvido, é de extrema valia para o processo de ensino-aprendizagem nos dias atuais (Santos, Karen Mata e Gonzaga., 2025, p. 4)

Contextualização histórica a partir da imagem II

Trabalhar com imagem no processo de ensino e aprendizagem de História nos dá muitas possibilidades de abordar temas diversificados, a título de exemplo na imagem II podemos tocar no tangente às Atividades Práticas (criando representações artísticas de um altar ou figura religiosa); Comparação (Comparar essa imagem com outras representações religiosas de diferentes culturas ou períodos históricos); Discussão Cultural (Promova uma discussão sobre as tradições e festividades locais que envolvem a figura representada).

Entretanto, assumo que as imagens tiveram multifunções, de modo que as destaco como elementos de reconstrução da memória, visto que me possibilitaram lembrar que: as missões jesuítas foram aldeias construídas na época da colonização. Essas missões Jesuítas Guaranis, datadas dos séculos XVII ao XVIII, são hoje um conjunto de ruínas remanescentes de povoados indígenas e europeus, construídas durante o processo de evangelização nas colônias espanholas na América do Sul, pela famosa Companhia de Jesus.

Alguns costumes e tradições Guaranis foram mantidos e preservados pelos europeus dentro das missões. Essa foi a forma encontrada pelos espanhóis para obter o apoio dos índios, em especial dos caciques, e garantir a harmonia no povoado.

As mudanças que ocorreram nesses territórios com a chegada dos europeus foram não só de ordem religiosa, mas também cultural, social e econômica. Antes da chegada dos jesuítas, a arquitetura indígena, com construções simples e funcionais, feitas de materiais naturais como madeira, palha e barro. Essas estruturas eram adaptadas ao clima e ao ambiente local, oferecendo abrigo e conforto às comunidades indígenas. Com a chegada dos jesuítas no século XVI, a arquitetura passou por uma transformação importante. Eles trouxeram o estilo barroco, caracterizado por sua grandiosidade e riqueza de ornamentação.

Algumas das principais mudanças realizadas pelos jesuítas incluem:

- Uso de materiais duráveis: passaram a utilizar pedra e cal nas construções, em vez de estruturas provisórias de madeira e palha;

- Planejamento urbano: implementaram um traçado mais organizado para as cidades, com praças centrais e ruas retas;
- Elementos decorativos: as igrejas construídas por eles eram ricamente ornamentadas, com altares esculpidos, pinturas e azulejos, refletindo a estética barroca.

Assistimos o declinar das missões, esse declínio foi motivado por diferentes fatores, dentre eles: perseguição dos bandeirantes, dos caçadores de escravos portugueses, a coroa espanhola que temia que os padres criassem um império independente, há uma influência bilateral entre os povos. Alguns conteúdos das aulas que já tinham sido ministradas pelos professores acima mencionados, não menos importante, a segunda fotografia pode suscitar uma memória coletivas entre mim e os restantes integrantes da turma.

Quando se tem lembranças, mesmo particulares, ou como se poderia dizer, individuais, elas não o são realmente, pois toda lembrança remete a um contexto de interação com o exterior, quer seja com a política da época, quer seja com os costumes sociais, quer seja com o grupo ao qual se pertence. De qualquer maneira, nunca será individual. Seu argumento de que a origem da memória coletiva ocorre na interação e no significado comum que a lembrança tem para o grupo constitui uma referência direta aos preceitos weberianos (Enne, 1992. sp).

Conclusão

Foz do Iguaçu, situada na confluência de Brasil, Paraguai e Argentina, é um exemplo dinâmico de intercâmbio cultural e diversidade religiosa. Ao utilizar essas fotos como recurso didático, o professor cria um ponto de partida visual e histórico para discutir a revalorização do povo Guarani, incentivando os alunos a refletirem criticamente sobre o impacto da colonização e a importância de preservar e valorizar as culturas indígenas em contextos regionais específicos como Foz do Iguaçu. A aula também reforça a diversidade cultural da região e estimula um olhar mais sensível para as questões indígenas atuais e a partir desse pensar do lugar geograficamente particular pode expandir-se para o pensar nos brancos e negros, bem como as múltiplas identidades às quais o ser humano está sujeito, pode ser uma das principais causas da desvalorização das comunidades indígenas. Como forma de colmatar essa situação verificada na região fronteira, propomos a prática ou adoção de uma filosofia de vida baseada no pensamento coletivo e na busca pelo bem comum, de modo que o outro seja visto como uma

extensão de si, pois a função do professor permite que esse consiga moldar identidades seja para boas práticas ou ruins. Se deixar de lado que para Mandela "Destruir qualquer nação não requer o uso de bombas atômicas... Só requer uma diminuição da qualidade da educação e permitir que os alunos burlem nos exames. O colapso da educação é o colapso de uma nação.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Marli Brito M. e KLEIN, Lisabel Espellet. Pensando a fotografia como fonte histórica. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 3, n. 3, p. 297–305, Set 1987. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1987000300008&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 30 nov 2025.

COLMAN, Rosa S e AZEVEDO, Marta. **ÑEMOSARAMBIPA: DESLOCAMENTOS FORÇADOS ENTRE OS GUARANI DE MATO GROSSO DO SUL**. 2016.

DE AZEVEDO, Suelen Terre e SERRA, Elpidio. As missões jesuíticas e sua influência na ocupação da fronteira Brasil-Paraguai. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 10, p. 10785–10799, 11 Out 2023. Disponível em: <<https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1211>>. Acesso em: 30 nov 2025.

RIOS, Fábio Daniel. Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo. **Revista Intratextos**, v. 5, n. 1, p. 1–22, 15 Jul 2014. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/view/7102>>. Acesso em: 26 nov 2025.

SANTOS, Karen Mata e MIRANDA, Jean Carlos e GONZAGA, Glaucia Ribeiro. **A fotografia como recurso didático**. 2025.

SANTOS, Victor Evangelista e ALVES, Júlia Batista. **FLORES E DORES DA BATALHA**: 2025.

TOGNOLI, S.É.K.A. Maurice Halbwachs: A Memória Coletiva. **Revista Scripta Alumni**, n. 2, p. 124–134, 30 Dez 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/1077-s-cripta-alumni/n02/10435-maurice-halbwachs-a-memoria-coletiva.html>>. Acesso em: 28 nov 2025.

ENNE, Ana Lúcia Silva. **Memória e identidade social**. Campo Grande: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1992.

FONTANA, Silene. Escola de tempo integral ou escola fora do tempo escolar: o caso de Barretos. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: **Silene Fontana.pdf** (PROTEGIDO). Acesso em: 17 out. 2025.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

SAGUATE, Artinésio Widnesse. **Variação lexical e sintática na produção escrita formal do português em Moçambique**. São José do Rio Preto: [s.n.], 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9c795153-3bda-4e09-a631-8d8852687ba0/content>. Acesso em: 17 out. 2025.

SANTOS, Karen Mata; MIRANDA, Jean Carlos; GONZAGA, Gláucia Ribeiro. **A fotografia como recurso didático**. [S.l.: s.n.], [s.d.]. Disponível em: https://www.academia.edu/36408331/a_fotografia_como_recurso_did%C3%A1tico. Acesso em: 17 out. 2025.

SILVA, Luís Carlos Borges da. A importância do estudo de história regional e local na educação básica. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 37., 2013. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372277415_ARQUIVO_Artigo-HistoriaRegional_NATAL_.pdf. Acesso em: 17 out. 2025.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena e AZNAR-FARIAS, Maria e SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estudos de Psicologia** (Natal), v. 8, p. 107–115, Abr 2003.

COMBO IGUAÇU | TURISMO EM FOZ DO IGUAÇU. **Todas as culturas que você encontra em Foz do Iguaçu! | Conheça várias culturas em Foz!** 19 de agosto de 2024. 6 min, 13 seg. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=2Fqeycgd-iw>. Acesso em: 30 nov. 2025., tempo 1:48.

FUINI, Lucas Labigalini. **O TERRITÓRIO EM ROGÉRIO HAESBAERT: CONCEPÇÕES E CONOTAÇÕES**. Geografia Ensino & Pesquisa, p. 19, 20 Abr 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/22589>>. Acesso em: 28 nov 2025.